

CONFISSÕES DE UMA ESTUDANTE QUE FRACASSOU EM FRACASSAR EM ESCREVER UM TEXTO.

CONFESSIONS OF A STUDENT WHO FAILED TO FAIL AT WRITING AN ESSAY.

Recebido: 22/01/2026 Aprovado: 30/06/2026 Publicado: 31/07/2026

DOI: 10.18817/rlj.v10i01.4670

Rosa Amin Cardoso Salloum¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-9821-7940>

Resumo: O texto se trata de dois relatos de uma estudante de graduação em letras que passou por uma experiência de intercâmbio, fugindo da Universidade de São Paulo para a Universidade de Buenos Aires. Não possui envergadura teórica nem pretensão de ser uma espécie de autoetnografia, ou talvez em algum momento tenha tido essa pretensão, mas em última instância não passa de como uma confissão de uma estudante que quer sobreviver à Universidade, que quer ajudar a criar uma Universidade em que se possa começar a pensar.

Palavras-chave: fuga; relato; Universidade; estudo.

Abstract: This text consists of two accounts by an undergraduate student in the humanities who participated in an exchange program, moving from the University of São Paulo to the University of Buenos Aires. It has no theoretical scope nor does it claim to be a form of autoethnography—or perhaps at some point it did have that ambition—but ultimately it is nothing more than the confession of a student who wants to survive university, who wants to help create a university where one can begin to think.

Keywords: escape; account; university; study.

Fui para a Universidade de Buenos Aires (UBA) para fugir do Brasil. Melhor dizendo, de um Brasil, de um Brasil que se constrói e se apresenta como o Brasil, o Brasil desejado, aquele que deve ser buscado e construído: o Brasil da Universidade de São Paulo (USP).

Em sua fala “A USP como vampiro” (Lemos, 2024), proferida no seminário “A violência e os limites do cânone filosófico” realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o professor Fabiano Lemos aponta como a Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP constrói e mantém um monopólio das ciências humanas, em especial da filosofia, no Brasil. Esse monopólio se dá tanto por questões históricas de sua formação quanto, como argumenta o professor, pela mobilização do conceito de rigor, o qual, ainda que sujeito a disputas internas, é reivindicado pela tradição uspiana que se apresenta como única voz capaz

¹ Graduanda em Letras (Português) pela Universidade de São Paulo. E-mail: rosamin42@gmail.com

de falar com e sobre. O professor continua sua fala analisando como a economia discursiva uspiana se relaciona com as demandas ditas identitárias, percebendo duas posturas do pensamento canônico da instituição: por um lado, a USP assume uma postura alarmista, desconfiada das intenções desses outros pensamentos e de como eles podem abalar a tradição, do outro lado, ela assume um discurso conciliador, que não deixa de ser excludente, que entende que se deve expandir o cânone, mas sem nunca o reestruturá-lo, sendo sempre o outro lado aquele que deve ceder na conciliação, nunca a USP. As duas posturas, de maneiras distintas, negam aprioristicamente qualquer discussão que possa tocar na estrutura e na tradição universitária, mesmo essa estrutura sendo historicamente racista, eugenista e patriarcal. Percebendo essa economia discursiva uspiana incapaz de levar ao limite qualquer crítica ou discussão sobre si mesma, o professor Lemos se/nos questiona: “quando começaremos a pensar?”.

Variações dessa pergunta parecem assombrar toda minha trajetória uspiana, talvez assombre a trajetória de quase todo estudante, passamos a graduação escutando que devemos seguir o modelo de escrita de certos teóricos canônicos, seria apenas no mestrado que poderíamos desenvolver nossas próprias ideias, no mestrado escutamos que as ideias só vem no doutorado, no doutorado que é só no pós doc... A crise definitivamente é maior do que a USP, minha tentativa de fuga me mostrou isso, mas sei que eu fui para a UBA para buscar começar a pensar longe da herança e da tradição uspiana.

Mas dos fantasmas da tradição, dos verdadeiros fantasmas da tradição, não se pode escapar, pelo menos não nós, os não humanos universais que tentamos encontrar um espaço no mundo acadêmico. Perdão por parodiar Bolaño, mas sempre que eu penso em fuga vem na minha cabeça o começo do seu conto *O Olho Silva* “(...) mas da violência, da verdadeira violência, não se pode escapar, pelo menos não nós, os nascidos na América Latina na década de cinquenta (...)” (2008, p.11). Minha primeira interação com o professor que viria a ser meu orientador, o Marcos Natali, foi sobre esse conto. Em um de seus ensaios, Natali (2020) lê o conto como um exemplo paradigmático de fuga da violência, no qual a profecia de seu início entraria em choque com o resto do relato. Minha primeira interação com o professor foi sobre este seu ensaio, não conseguia comprar a ideia de uma fuga da violência na obra do Bolaño e discutimos um pouco sobre isso. Não sei se ainda penso assim, a leitura de *Sobcomuns* (2024) principalmente me deu outras perspectivas sobre a fuga, mas

trago essa anedota por que me parece significativo que logo este professor, que desde o começo de nossa interação acadêmica defendeu a fuga como uma possibilidade, tenha me dito em uma reunião, depois de comentar meus planos de intercâmbio e fuga, *que eu logo veria que cada Universidade tem seus patriarcados próprios*.

Ele estava certo. Fugi de um fantasma conhecido para um fantasma que não conhecia, que não podia e nem posso ver. Já nos primeiros dias de intercâmbio fui capaz de sentir outras tradições e outras heranças que assombram os corredores da UBA. Não conheço a história dessa Universidade nem as particularidades de sua tradição para comentar sobre ela, mas da mesma forma que logo percebi que lá existiam patriarcados próprios, também percebi que ali havia fugas ocorrendo — sempre há fugas ocorrendo, a Universidade nunca é um todo homogêneo, por mais que alguns tendam a apresentar assim.

Curiosamente, uma dessas fugas foi em uma das aulas que em teoria seria mais próxima de casa, do Brasil que busquei fugir. O seminário “*Herramientas metodológicas para los estudios de la literatura contemporánea*”, ministrado pela professora Lucía Tennina, trazia em seu programa muitas referências da teoria literária brasileira, área que a professora estuda, referências estas que já conhecia e das quais não gostava. Contudo, o seminário foi organizado de tal forma, principalmente pela abertura que Lúcia deu para os alunos falarem, para alunos e professora dialogarem, que as referências conhecidas por mim se apresentaram como coisas novas, textos com potência para nos fazer começar a pensar. Lembro com espanto de uma aula em que falamos sobre *Grande sertão: veredas*, este texto tão paradigmático para a universalização da literatura brasileira segundo a tradição uspiana. Nas aulas que tive sobre o livro no Brasil, a única leitura possível do personagem de Diadorim era em relação ao arquétipo da “donzela guerreira”, sem nenhuma menção a questões de teoria queer e de gênero. Em uma dessas aulas tentei esboçar uma leitura trans de Diadorim e escutei da professora que eu, enquanto mulher trans, estava apenas me projetando no personagem. Mas na UBA, distante dessa tradição brasileira, conversamos sobre o livro com base no texto de Amara Moira “Diadorim homem até o fim” (2022) e debatemos justamente questões de leitura de gênero, de leituras queer e trans, que são muitas vezes negadas pela tradição. O texto de Rosa, que na USP me pareceu tão sem vida, ganhava potência novamente.

As aulas da Lúcia — ou com a Lucia, para não tirar a agência de todos os alunos que construíram a classe junto dela — foram um refúgio na Universidade, um

espaço que incentiva o pensamento. Quero agora compartilhar meu trabalho final para sua disciplina, em espanhol mesmo, com apenas algumas censuras de informações pessoais as quais me senti confortável em dividir com a professora, mas não em uma eventual publicação deste texto. A partir deste trabalho, das leituras e respostas que recebi dele, quero relatar mais questões a respeito da fuga e da Universidade.

*

Confesiones de una investigadora que fracasó al escribir un texto

Nombre: rosa amin cardoso salloum. **Email:** rosamin42@usp.br.

Sola en un país extranjero, una muchacha llora de nostalgia por su casa. No se ha habituado al barrio, ni a la ciudad, ni al modo en que la *R* de su nombre es pronunciada en el español argentino. La universidad le resulta extraña, extranjera en todos los sentidos del término... hasta que, un jueves, al comienzo de una clase, la profesora menciona, con aparente desinterés, a Antonio Candido. Una serie de afectos —en su mayoría negativos— se apodera de la muchacha: piensa que mismo fuera de Brasil, Candido la persigue; piensa en la escuela de formación uspiana y en sus orígenes eugenistas; recuerda todos los artículos que ha leído contra Candido. Intenta articular todo ello para discutir con la profesora. Su cabeza vuelve a funcionar.

En una cabina de baño de la Universidad Autónoma de México, una mujer lee poesía. Es septiembre de 1968; los militares ocupan la Universidad y la mujer, en medio de todo eso, queda encerrada en el baño sin querer. Permanecer allí se convierte en su acto de resistencia, en su modo de luchar por la autonomía universitaria. No lee poesía como se le enseñó en las clases: no decanta versos ni piensa críticamente en el extrañamiento de las palabras; su lectura es rápida y colérica. El libro no es más que una forma de pasar el tiempo, de resistir y ocupar ese espacio. ¿Qué lecturas son posibles en tal contexto? ¿Qué pensamientos habrá tenido la mujer al mirar la puerta —probablemente tachadas y cubierta de mensajes, como son las puertas de los baños universitarios— de su cabina? El texto del libro y el texto de la puerta cumplen la misma función: compañía.

Una muchacha no sabe cómo invitar a salir a una amiga, hasta que descubre que dicha amiga está leyendo, por placer, el libro de su investigación. Es la excusa perfecta: la investigadora la invita a conversar sobre el libro y, de ese modo, a “ayudarla con su investigación”. Se encuentran a comienzos de la tarde y pasan el resto del día juntas; no hablan del libro. Meses después, al redactar el informe final de

su investigación, la investigadora concluye en que no hablar de un libro es su modo preferido de hablar de un libro.

Un profesor universitario decide realizar su investigación posdoctoral sobre Roberto Bolaño en el subte. Ya había agotado la bibliografía clásica del autor, de modo que optó por conversar con quienes leyeran a Bolaño en el transporte público de la Ciudad de México. Mujeres, adolescentes, ancianos... iba al subte en busca de cualquiera que estuviera leyendo a Bolaño y conversaba con ellos, sin mayor pretensión, sobre los libros. Ninguna de esas conversaciones es citada en sus artículos, sus artículos no serían posibles sin ellas.

Si tiene sentido, todas estas escenas, de una u otra forma, son también escenas de estudio.

“El estudio” es un “concepto” “desarrollado” por Fred Moten y Stefano Harney en su libro *Sobcomunes* (2024). Dudo en nombrarlo (de allí el uso de comillas), pues en el propio libro el “concepto” huye de categorías o denominaciones definitivas: el propio acto de huir es esencial al pensamiento de los autores. Es necesario que los cuerpos disidentes huyan, creen redes de fuga y de respiro, de la Universidad, del sistema capitalista, del barco negrero. Huir de los nombres para crear nuevos nombres. En ningún momento del libro hay una definición de lo que sería el “estudio”, pero el concepto se vuelve central para las fugas que proponen los autores. Estructurado como una entrevista-diálogo, los investigadores parten de un debate en torno al estudio para discutir jazz, cultura, comunidad, deuda, Frantz Fanon, esclavitud... y esas digresiones, a su vez, desarrollan *ad infinitum* el concepto de estudio, no con la intención de llegar a algún punto, sino de continuar conversando. Estudiar, así, no es una acción utilitaria —estudiar para algo— sino una ética de cómo vivir en comunidad, de cómo relacionarse con el otro y con el texto. *Si tiene sentido*, allí me parece residir la mayor potencia de toda investigación, especialmente en el campo de la literatura.

(Quiero revelar mis artificios, pues mientras escribo este texto ellos están en crisis y debe haber algún sentido en dicha crisis: buscaba cerrar todas las vueltas de este ensayo con alguna variación de la frase “¿está teniendo sentido hasta aquí?”. Con ello, pretendía realizar una performance en el propio texto de un gesto que me parece central tanto en este escrito como en todo estudio: el de lanzarse al otro, evocar al otro y su lectura para así crear algún(os) sentido(s), siempre múltiples e imposibles de poseer. Creo filosóficamente en esta tesis; podría escribir un texto para

corroborarla, pero no puedo hacerlo en este texto. Revelando otro artificio evidente: yo soy la muchacha del párrafo inicial. Las clases de los jueves fueron muy importantes para mí, especialmente en aquel momento. Quizás por eso mismo, revisitarlas meses después, ya en otro tiempo y en otro país, me resulta extraño, casi carente de sentido. Siento aún más el peso del absurdo cuando pienso en por qué estoy escribiendo este texto: es un trabajo final, un escrito que servirá apenas como documento burocrático para la profesora — hola, Lucía, te extraño — y para que el sistema universitario pueda comprobar mi participación en el seminario *Herramientas metodológicas para los estudios de la literatura contemporánea*. Es una contradicción escribir un texto cuya premisa es la creencia de que la importancia de los textos reside en la comunidad y en el acontecimiento que generan, sabiendo que apenas será leído por una persona, no será debatido, y que de él no nacerá comunidad alguna, salvo una nota en mi historial académico. Estos ensayos finales siempre me han incomodado. Y peor aún: siento que escribir este texto, meses después, hiere el propio acontecimiento del seminario. Recuerdo las exposiciones de mis compañeros, el estar con otros, el conversar, el debatir, el estudiar; transformar todo ese acontecimiento colectivo en un texto que escribo sola me parece, en el límite, antiético.)

Abandonaré los paréntesis y seré franca. Ya tenía este texto enteramente pensado: comenzaría con escenas reales de estudio; luego hablaría del concepto a partir de *Sobcomunes* (2024); de allí pasaría a la idea de Deleuze sobre la filosofía como una suerte de literatura policial y de ciencia ficción, para concluir con la noción de texto como comunidad en Camila Sosa Villada (2021), Bolaño (2008), Deleuze (2006) y *Socbomunes*. En medio de todos esos movimientos, abordaría la poética y la filosofía del direccionamiento en Derrida (2007), trabajando la idea de que es necesario lanzarse al otro, al azar y al accidente para construir sentido. Otra contradicción de mi estilo: quería escribir y performar el direccionamiento y la búsqueda de sentido, crear un texto-acontecimiento social del que surgieran diversas lecturas e interpretaciones, pero en lugar de lanzarme al accidente de este texto, gasté mi tiempo planificándolo, controlando su estilo y su forma. A veces siento que, mismo queriendo lanzarme al otro, termino por controlar y manipular el discurso —y esto no sucede solo al hacer teoría, si es que todavía es posible separar el trabajo de investigadora de la vida social. En fin: el texto que planeé no va a existir. Coloqué las referencias que iba a usar; creo que es un texto posible de existir algún día, pero ahora no consigo escribirlo. Entré en crisis con él, fracasé, y quiero presentar ese fracaso

como prueba de que cursé la materia *Herramientas metodológicas para los estudios de la literatura contemporánea*. No sé si lograré desarrollar la idea, pero creo que ese fracaso es, contradictoriamente, prueba del éxito de la disciplina.

Siempre tuve problemas con el nombre de la materia. *Herramientas* me suena terriblemente técnico. Confieso que casi no me inscribí en ella por eso: al leer el programa imaginé que recorreríamos diversas vertientes teóricas y aprenderíamos a usarlas para “analizar” textos. Ese movimiento me parece antiético para el pensamiento —sea crítico literario, filosófico o de cualquier índole. Ya he hecho muchos trabajos así. El semestre pasado, incluso, un amigo me pidió que escribiera el trabajo final de una materia que él había cursado; yo no la cursé, pero el trabajo consistía apenas en escribir un ensayo a partir de la lectura de Roberto Schwarz y Silviano Santiago sobre la retórica como herramienta de poder en *Dom Casmurro*. Se habla mucho de la inteligencia artificial y de su peligro para la universidad, pero a veces lo que se enseña en la universidad funciona con el mismo tipo de “pensamiento” que una inteligencia artificial: leer y resumir textos para producir otro texto que no es más que una lectura resumida, gastada y sin vida de los textos procesados. Por eso, aun sin haber cursado la materia, pude hacer el trabajo de mi amigo sin dificultad alguna. Eso no es posible con este texto. La disciplina exigía otra forma de relacionarse con los textos estudiados, mucho más antropológica y psicoanalítica —en la mayor potencia de esos términos, que en el límite es la misma potencia del adjetivo literario (ya somos anfibios, híbridos, habitantes de esos espacios)— que técnica. Participé activamente de la materia, discutí en clase, leí los textos, y ahora simplemente no consigo escribir este trabajo final. Eso debe significar algo.

Un acontecimiento, si verdaderamente lo es, lo cambia todo, aun cuando no cambie nada. Es como las epifanías claricianas: un instante de lucidez y éxtasis que simplemente tiene sentido, y luego la vida continúa. Cuando pienso en las clases de los jueves, pienso en esos acontecimientos: la ya mencionada referencia a *Candido* en la primera clase, la presentación del libro de la profesora, las exposiciones de los compañeros, la foto tomada en la última clase —¡nunca vi algo así en una clase en Brasil! No sé cómo escribir sobre eso; instrumentalizar el acontecimiento como una suerte de herramienta técnica para el análisis literario me parece un gesto violento contra el acontecimiento, contra el texto y contra la experiencia de las clases. Solo quiero terminar este texto, obtener la comprobación formal y burocrática de mi participación y conclusión del seminario, para luego continuar con aquello que el

seminário me ensinou, o melhor dicho, me permitiu: a fuga. Huir del texto, de las herramientas, de las fórmulas prefabricadas, de los territorios y las fronteras, y lanzarme al otro, al accidente, a la discusión, al acontecimiento. Creo que así se hace teoría literaria, que así se crean comunidades.

Bibliografía de un texto porvenir.

BOLAÑO, Roberto. *Amuleto*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

DERRIDA, Jacques. *O Cartão-Postal: de Sócrates a Freud e além*. Tradução de Ana Valeria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. *Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

SOSA VILLADA, Camila. *O parque das irmãs magníficas* Tradução Joca Reiners Terron. São Paulo: Planeta, 2021.

*

É curioso voltar a este texto meses depois de sua escrita, meses depois de ter recebido uma resposta de Lúcia, tanto uma resposta burocrática — a nota no sistema — quanto um e-mail muito terno e muito honesto no qual a professora compartilhava suas angústias com a vida universitária. Mas não foi só de Lucia que eu recebi resposta, como eu acreditava que iria acontecer quando escrevi o texto: recebi uma resposta da Dani, uma amiga argentina a quem eu mandei o texto para me ajudar a revisar o espanhol, e a “ajuda” logo se transformou em uma conversa de duas amigas compartilhando ansiedades com a faculdade; a resposta de Rocio, que me acompanhou nas aulas de Lúcia e me disse que chorou lendo o texto; a resposta do Natali, que sugeriu que discutíssemos o texto no nosso grupo de estudos. Inesperadamente, o texto que dizia que falhava em criar comunidade foi discutido por mais de duas horas com diversos alunos; se não posso falar por eles, para mim, ao menos, aquela reunião foi um acontecimento que me motivou a continuar estudando e planejando fugas. Por isso reler este texto me causa um certo estranhamento, ele me soa tão desesperançoso e certo de seu fracasso, mas o leio e lembro de todas essas respostas. Falhei em falhar. Se a falha no trabalho era caracterizada principalmente pela ausência de comunidade que o ensaio geraria, agora, meses depois de ele ter sido lido por Lúcia, por amigas e debatido pelo meu grupo de estudos,

percebo que meu medo não se concretizou, ainda mais agora com a possibilidade de publicação e seja lá quais outros efeitos que a circulação dessas confissões criem.

Mas mesmo tendo falhado em falhar com aquele texto, não consigo não sentir que falharei nesse. Ou talvez falhar não seja a palavra e sim adoecer, não pensando mais no texto e agora pensando em mim. Tenho medo de adoecer na Universidade, tenho certeza que a Universidade já me deixa doente, ao mesmo tempo que ela parece também um refúgio, um lugar em que se pode respirar, pensar coletivamente a fuga deste próprio lugar. É contraditório; é o que é. A Universidade é um lugar conservador ao mesmo tempo que já se cria em seus corredores, em seus banheiros, em suas defesas de teses, novas Universidades dentro dela.

Em uma passagem de seu livro *Bibliophobia* (Chihaya, 2025), *memoir* do adoecimento mental da autora em sua carreira universitária, Chihaya comenta que desde sua infância devorando livros ela sempre acreditou que um livro salvaria sua vida e um livro a mataria, e provavelmente seria o mesmo livro que faria ambas as coisas — aquele livro que um dia ela viria a escrever. Penso que é um pouco isso que sinto escrevendo este texto, que também senti escrevendo aquele texto de conclusão de seminário, que a escrita me adoeceria, que a escrita me daria forças. Honestamente, eu não quero me sacrificar para escrever um texto². Já estou doente por uma série de outros motivos que muitas vezes não aparecem em textos “acadêmicos”, afinal como incluir a dificuldade de reagendar a consulta com o psiquiatra em uma análise literária. Enfim, não quero me sacrificar pela Universidade, mas quero entregar um texto, este texto, não para ter mais uma linha no meu Currículo Lattes ou algo do tipo, e sim porque a Rocio e Lúcia me chamaram para publicar um texto na revista que elas estão editando. Sou muito grata a elas, às aulas com elas, é essa dádiva/dívida que tenho com elas que me faz querer terminar este texto.

Quando recebi o convite para expandir o texto que escrevi na matéria da Lúcia, voltei para algumas bibliografias que eu acho muito interessantes para se pensar a Universidade, em especial Natali (2020; 2025); Pinheiro (2024); Ruggieri (2018;2024) e Moten e Harney (2024a; 2024b). Não acho que todas elas apareceram neste texto, talvez elas tivessem aparecido se eu me sacrificasse e escrevesse o texto que em algum momento planejei escrever quando recebi o convite, mas neste aqui elas não vão aparecer ou nem serão desenvolvidas, só citadas. Não vejo isso como um

² Questões entre o sacrifício e a Universidade são abordadas na leitura que Fabio Saldanha faz do livro de Chihaya (O mal da literatura, inédito).

fracasso, fiz algo parecido no texto para a disciplina e naquele momento entendi como um fracasso de escrita, mas agora não. Um texto não é prova de fracasso ou sucesso de um estudo (afinal o que seria fracasso e sucesso?). Penso agora que é tudo uma questão de suporte, como as conversas esquecidas e infinitas que Fred Moten e Stefano Harvey caracterizam como estudo, como as anotações nas margens de livros, em guardanapos que fazemos para não perdermos uma ideia mas que nunca mais voltamos para as ler. Um ensaio não é o único suporte possível, o único que determina o sucesso e fracasso. Os textos que li continuam em mim, as conversas que tive também, elas aparecem nas minhas falas, no jeito que eu interajo com professores e colegas, o texto que eu fracassei continuou em outras formas, em outros diálogos e conversas.

Quero terminar este texto (para continuá-lo de outras formas) mencionando dois suportes Universitários que me parecem tão interessantes quanto os artigos científicos: os corredores e os banheiros. Dois espaços marcados por outro tempo, talvez muito mais efêmero do que texto, e que parecem anunciar outras Universidades. Não posso fazer senão esboçar o porque acho eles interessantes. Nos corredores os alunos planejam, se movimentam, ficam parados esboçando formas de sobreviver a Universidade, de construir a Universidade, de viver para além da Universidade enquanto se deslocam entre classes. O banheiro é uma pausa, um parêntesis, um lugar realmente para fugir, para respirar no meio de uma aula maçante, para chorar e para alguma outra garota te ver chorando e conversar com você. Muita coisa está sempre acontecendo nos banheiros de universidades, disputas de gênero nas suas cabines, poemas e flertes, corpos juntos pensando e respirando. São nesses lugares que os sobcomuns planejam sua fuga, conversando sobre textos, claro, mas principalmente conversando entre si. Espero continuar a escrever este texto nesses outros lugares.

Referências

BOLAÑO, Roberto. **"O Olho Silva"**. Putas assassinas. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHIHAYA, Sarah. **Bibliophile**: a Memoir. Nova Iorque: Penguin Random House, 2025.

LEMOS, Fabiano. **A violência e os limites do cânone filosófico**. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/DoohGZMqlgs?si=IFYTVDrNUelxSpAq> Acesso em: 08 jun. 2026.

MOIRA, Amara. Diadorim homem até o fim. TAUFER, Adauto Locatelli; CUNHA, Andrei dos Santos; ZITTO, Bruno Costa (orgs.). **Diálogos transdisciplinares: ciências humanas, cultura, tecnologia**. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2022.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. *Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo*. São Paulo: Ubu Editora, 2024a.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **Mais uma vez subcomuns**. São Paulo: GLAC Edições. 2024.

NATALI, Marcos P. **A literatura em questão**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

NATALI, Marcos P. | a vida cotidiana na universidade, em cinco atos. **alEa**. Rio de Janeiro. v. 26, n. 2 e63234 mai.-ago. 2024

PINHEIRO, Tiago. **Pensar pelas costas**: notas sobre oficinas e outras atividades da greve estudantil. Criação e Crítica, São Paulo dez 2024.

RUGGIERI, Mariana. **Variações da literatura**. 2018. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RUGGIERI, Mariana. **Ir à noite da linguagem**: ensino noturno e literatura. Criação e Crítica, São Paulo dez 2024.

SALDANHA, Fabio. **O mal da literatura**. Manuscrito inédito, 2026.